

Carta para Ângela Mendes sobre a potência do agroextrativismo como gerador de ganhos econômicos e sociais

Carlos Augusto Pantoja Ramos

Belém, Dia da Amazônia e do Dia do Açaí no Pará, 5 de setembro de 2022

Carta para Ângela Mendes sobre a potência do agroextrativismo como gerador de ganhos econômicos e sociais

Carlos Augusto Pantoja Ramos

Estimadíssima Ângela,

Primeiramente peço desculpas por atender sua demanda com mais calma e detalhismo que o assunto que me pedes para abordar exige. São tempos de muita intensidade de trabalho para todos nós, em um ano crucial (e agora meses!) para sabermos o quanto iremos manter nossa já tão enfraquecida Democracia, cujo efeito dos desmandos deste governo federal que adota a Necropolítica nos geram sofrimento pela escala da violência, do espalhamento da fome em infames **33 milhões de brasileiros e da matança de nossa biodiversidade e povos que dela são parte**, com símbolos maiores desta infelicidade, os ataques ao Cerrado, ao Pantanal e à Amazônia.

O que sempre me deixa incomodado é este mal hábito da sociedade brasileira e principalmente seus governantes de olhar para a Amazônia como um reles “celeiro” do mundo como cunhou de maneira desavisada Alexandre von Humboldt no século XIX. Não acredito que tal sábio não concordava sobre os pétreos direitos dos nativos desta região; se acreditava nisso, mais nos foi adversário do que um parceiro de ciências. Talvez mirasse em outros aspectos que sua sociedade não enxergava. Fato é que muitos magos da escatologia tiveram esta frase como premissa e assim tentaram nos subordinar.

A Amazônia em bens e serviços da floresta nos foi benção, mão materna que agora se mostra nos estudos arqueológicos de Laura Furquim, Jennifer Watling, Myrtle Shock, Eduardo G. Neves¹ sobre **o manejo florestal praticado há milênios**. Tais pesquisas nos incentivam a propalar a ideia para quem é nosso contemporâneo

Resumo:

Este documento faz breves reflexões sobre três obras que tratam da terminologia Questão Agrária: *Projeções Societais em Confronto*, de Delma Pessanha Neves; *Cruzando a Fronteira*, de Jean Hébette; e *Terra no século XXI*, de Sérgio Sauer. Também discorre sobre o caráter polissêmico do termo *Questão Agrária* e a influência das recentes crises no sentido do termo, na leitura acerca das transformações agrárias no Brasil e na Amazônia.

de maneira desconcertante que inúmeras florestas antropogênicas que se estabeleceram ao longo da Bacia Amazônica. Sim, porque para um engenheiro florestal como é de deixar ruborizado que o **açai é manejado há pelo menos 2 mil anos; a castanha, há pelo menos 10 mil anos; o piquiá, 9 mil anos; o murumuru, 10 mil anos; o miriti, Ângela, o miriti com vestígios de manejo de 12 mil anos!** A ciência do manejo florestal que hoje perdura, que acompanho há 25 anos, tem mais a ver as recomendações do capitalismo industrial concentrador de riquezas, que secundariza a alimentação das pessoas, o abrigo em forma de casas, que agride a memória da paisagem. **Mais uma vez Ailton Krenak está correto: o futuro é ancestral!**

O extrativismo da floresta, no sentido que a palavra recebeu dos movimentos sociais em sua criação nos anos 1980, em sua intenção estaria mais próximo da memória das florestas antropogênicas do que das florestas manejadas no circuito moderno. Mas não nos enganemos: nesse espectro da visão de mundo sobre a natureza, oscilamos esta posição a depender dos locais, culturas e dentro destas, dos tempos de entendimento predominante. Ao apontar os números a seguir, precisamos avaliar de maneira muito sincera como estamos enquanto sociedade nesse relacionamento, se somos floresta ou se somos apartados dela. Daí seus efeitos no aprofundamento do antropoceno enquanto eliminação de espécies no planeta, de povos originários, de línguas e de soluções que desperdiçamos para adiar o fim do mundo humano e deixar esta hora digna ou não.

Assim, levanto alguns números para que ajudem você a refletir como o extrativismo e sua combinação com a agricultura familiar, **o agroextrativismo**, podem ajudar a traçar novos caminhos para os amazônidas. Fiz uma breve análise em relação ao açai, à castanha do Brasil, à copaíba, à andiroba e à própria floresta conservada como riquezas e promotoras da vida:

- **O açai** (que coincidentemente é celebrado hoje no Estado do Pará), teve em 2020 segundo informações da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB e IBGE/PEVS, **produção nacional de 1.698.657 toneladas**, 4,79% acima da obtida no ano anterior, porém, ainda inferior do que no ano de 2018, quando a produção foi de 1.731.668 toneladasⁱⁱ; o Estado do Pará é o maior produtor;
- Ao considerar o valor calculado pela Conab para 2020 de R\$3,21 reais por quilo de frutos, estima-se que o açai movimentou no país cerca de **5,4 bilhões de reais somente em 2020**;
- Não somente como gerador de divisas, mas sobretudo como gerador de rendas às famílias agroextrativistas, o açai é muitas vezes determinante das comunidades agroextrativistas para o enfrentamento da fome – sendo este um de seus principais valores em regiões como o estuário do Rio Amazonas – como também de agente ativo de mitigação dos efeitos da falta de investimentos governamentais;
- Na provocação que faço anteriormente, os estudos que a pesquisadora Ana Euler e eu fizemos na Ilha do Meio, município de Afuá, Marajó, Pará, indicou que enquanto o investimento federal em **serviços públicos para os afuaenses foi em 2017 de R\$135,53 mensais**, o açai gerou para a referida ilha a renda per capita de

R\$446,30 mensais, três vezes mais que o investimento em políticas públicasⁱⁱⁱ; cabe relatar que o município de Afuá possui 95% de suas áreas habitáveis com destinação fundiária^{iv}, na figura dos Projetos de Assentamentos Agroextrativista criados no Governo Lula; reconhecer os territórios dos povos da floresta é passo importante na melhoria das condições econômicas e sociais de uma região; a Ilha do Meio e o Açaí nos prova isso;

- **A castanha do Brasil**, bem e serviço florestal milenar na Amazônia, **teve produção de 33.118 toneladas de amêndoas em 2020** segundo o IBGE, com movimentação de **98,5 milhões de reais neste mesmo ano**; Amazonas, Pará e Acre são nesta ordem os estados brasileiros de maior produção de castanha^v;
- O manejo dos castanhais nativos é uma atividade tradicional, fundamental para a manutenção das famílias agroextrativistas na Amazônia e que dependem da conservação da paisagem florestal e de seus mecanismos ecossistêmicos para se manter permanente; o desmatamento e a atividade madeireira são atividades adversárias dos castanheiros, que veem **no equilíbrio na circulação de polinizadores como as abelhas e nos dispersores como a cutia a condição para a continuidade da produção dos ouriços de castanha**;
- Na oportunidade que tenho e me referindo à castanha e outras espécies que precisam ser protegidas, junto-me a você na denúncia em relação ao desmatamento crescente nas reservas extrativistas, assentamentos agroextrativistas, territórios quilombolas e terras indígenas; a histórica Reserva Extrativista Chico Mendes vem perdendo áreas florestas **nos últimos 20 anos de maneira contínua, passando dos 906 mil hectares de floresta encontrados em 2005 para os atuais 870 mil hectares**, de acordo com dados compilados da plataforma MapBiomias^{vi};
- **A copaíba**, cujo óleo extraído é um dos mais Amazônia, é bastante utilizada na medicina popular como anti-inflamatória e bactericida, com ótimo potencial de renda e ganhos sociais;
- No Projeto de Assentamento Agroextrativista Aripuanã Guariba, localizado nos municípios de Apuí e Novo Aripuanã, no Estado do Amazonas, **as famílias trabalham na extração do óleo e possuem o desafio de não depender tanto da figura do atravessador para escoar sua produção** e assim melhorar sua margem de lucro reduzida frente ao esforço necessário^{vii}; na comunidade Monte Hermom, do Alto Pacajá, em Portel, não é diferente essa situação, o que nos leva a crer que **a produção de óleo de copaíba requer investimento governamental e políticas de proteção destes territórios** para alçar patamares de destaque na economia regional^{viii};
- O óleo de **andiroba** é também utilizado de forma ancestral pelos povos amazônicos; minha bisavó Margarida, que era parteira em Portel, sempre carregava sua caixinha cheia de unguentos, na qual estava o óleo de andiroba para "puxar" a barriga das gestantes. Eu, curioso em meus seis anos de idade, queria saber o que elas (minha bisavó, a grávida e as outras mulheres) tanto conversavam dentro do quarto enquanto exalava aquele cheiro característico a passar pela porta;

- **A andirobeira que já foi bastante explorada para fins madeireiros**, o que colocou a espécie a diminuir drasticamente em regiões como o Marajó nos anos 1990 e meados dos anos 2000, tem sido espécie reconhecida como de valor cultural e ecossistêmico; **no Estado do Amazonas, a importância do óleo de andiroba motivou o governo deste estado a proibir o corte de árvores desta espécie desde 2005^{ix}**;
- Recordo que em Gurupá, nos anos 2000, na comunidade São João do Jaburu, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Federal Itatupã-Baquiá, **a escassez de andirobeiras adultas causada pela atividade madeireira fez com que os moradores modificassem sua visão sobre a andirobeira, com protagonismo desta mudança a partir do grupo de mulheres da comunidade^x** que passou a ter renda naqueles tempos com a venda de óleo de andiroba, simbolizando a floresta em pé com verdadeiro valor;

Ângela, nesta histórica etapa da caminhada humana, de incontestável aumento da pobreza das pessoas, perda de biodiversidade e desastres de ordem climática, a própria floresta amazônica é em si mesmo um tesouro disputado pela geopolítica. Isto nós acompanhamentos e sabemos do jogo e de seus jogadores. **A escalada das negociações envolvendo os chamados créditos de carbono dão hoje a dimensão de como podemos ficar escanteados se não estudamos, nos mobilizamos, nos organizamos.** O capital industrial, responsável direto pela degradação ambiental no planeta aliou-se ao capital rentista, cujos atores muitas vezes nem saberemos o rosto, escondidos que ficam nos labirintos algorítmicos. O neocolonialismo se faz presente. Uma nova forma de extrativismo estreia nas disputas agrárias, ensaiada na negligenciada aplicação pelo Estado Brasileiro do Cadastro Ambiental Rural na Amazônia, agora a embasar propostas de contratos de carbono onde os moradores dos municípios nem imaginam de onde vem os assaltos. Equações que não explicam de qual carbono falamos: carbono estocado (biomassa)? Carbono trocado (captura de CO₂ e liberação de O₂)? Equações que não consideram a evapotranspiração e nem consideram a memória e direitos consuetudinários dos povos da floresta.

O aguardado novo mandato de Lula não pode cair na armadilha rentista que sobrevoa a Amazônia: precisa ao contrário, fazer o debate público e o serviço público ajudar-nos a garantir autonomia neste debate. As universidades públicas devem se posicionar de forma mais enfática sobre o que avança velozmente de fora para dentro em uma espécie de partilha da Amazônia, não que esta nunca fosse influenciada internacionalmente. Não. Os estudos que me aprofundo ajuda a deslindar em mim certos mitos: é a cobiça de outros com a ajuda de muito dos nossos, principalmente de uma elite capacho. Atos que sempre nos cercaram.

O que eu espero assim como você é respeito. Do parlamento europeu, dos EUA (difícil, hein?), da China.

O respeito necessário para que possamos construir nossa própria história, digna, sem
hiatos e sobressaltos.

Chega de matanças físicas e do conhecimento na Amazônia.

Como sonhou Chico Mendes em você.

Um abraço.

Carlos Augusto Ramos.

Notas:

ⁱ FURQUIM, L.; WATLING, J.; SHOCK, M.; NEVES, E. **O testemunho da arqueologia sobre a biodiversidade, o manejo florestal e o uso do fogo nos últimos 14.000 anos de história indígena.** In: Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil [recurso eletrônico] : contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças / Manuela Carneiro da Cunha, Sônia Barbosa Magalhães e Cristina Adams, organizadoras ; Eduardo G. Neves, coordenador da seção 6. – São Paulo : SBPC, 2021. 85 p. : il. color., mapas color.

ⁱⁱ CONAB. **Açaí.** Boletim da Sociobiodiversidade, Brasília, v. 6, n. 1, p. 1-36, março de 2022.

ⁱⁱⁱ RAMOS, C.A.P. e EULER, A.M.C. **Quarta baliza do agroextrativismo no estuário do rio Amazonas: da luta pela terra à consolidação da economia do açaí.** 2019. Revista de Agricultura Familiar - RAF. v.13 , nº 2 / jul-dez 2019, ISSN 1414-0810. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/agriculturafamiliar/article/view/8718> . Acessado em 05/09/2022.

^{iv} RAMOS, C.A.P.; FERREIRA, F.; COSTA, A. Marajó: Cobertura do Solo e Ordenamento Territorial. 2020. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6994817>. Acesso: 05/09/2022.

^v G1. **Amazonas é o maior produtor de castanha-do-pará do país, diz IBGE.** Publicado em 06 de outubro de 2021. Disponível em

<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/10/06/amazonas-e-o-maior-produtor-de-castanha-do-para-do-pais-diz-ibge.ghtml> . Acesso: 05/09/2022.

^{vi} RAMOS, C.A.P. **Levantamento Populacional, Administrativo e do Desmatamento em Unidades de Conservação de Uso Sustentável Federais da Amazônia Legal.** Produto 1 da Consultoria para levantamento da situação e diagnóstico participativo dos problemas, tendências e possíveis soluções para a gestão ambiental e para desenvolvimento da economia tradicional em reservas extrativistas dos estados da Amazônia Legal Elaboração/ Plano de ação pós covid- 19 - Populações Tradicionais/ PNUD/ GCF-TF. Relatório técnico de outubro de 2020. 23 p.

^{vii} IDESAM. **Produção de óleo de copaíba ganha reforço no sul do Amazonas.** Publicado em 27 de fevereiro de 2018. Disponível em <https://idesam.org/noticia/oleo-de-copaiba-ganha-reforco-sulam/>. Acesso: 05/09/2022.

^{viii} COSTA, G.; CORREA, O.; MONTEIRO, Y. RAMOS, C.A.P. **Guia de Manejo Florestal Comunitário de Copaíba da ATAAP, Portel-PA.** 2021. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/7152749>. Acesso: 05/08/2022.

^{ix} INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ – IDSM. **Boas práticas para produção de óleo de andiroba** / Emanuelle Raiol Pinto; Ana Cláudia Lira-Guedes; Claudioney da Silva Guimarães (Autores); José Augusto Celestino da Silva (Ilustrador). - Tefé, AM: IDSM, 2019. 32p.; Il., color

^{xx} SHANLEY, Patricia. Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica. Patricia Shanley, Gabriel Medina; ilustrado por Silvia Cordeiro, Antônio Valente, Bee Gunn, Miguel Imbiriba, Fábio Strympl. Belém: CIFOR, Imazon, 2005. 300 p. il.